

MINHA CENA PRIMITIVA

Richard Abibon

Introdução

Uma amiga escreveu um texto no qual relata o que ela chamou seu passe, ou seja, uma experiência muito íntima testemunhando o fim de sua análise, e que a meu ver estaria ligada RATTACHE à cena primitiva. Mas pouco importa o que eu teria feito, pois isso pertence a ela. O que me interessa sublinhar é o caráter íntimo e pessoal de sua narrativa. Um dia ela decidiu enviar, como garrafa ao mar, ao chefe de uma grande escola de Psicanálise, a fim de solicitar sua participação em um colóquio importante. O chefe lhe respondeu, gentilmente, que seria melhor deixar esse tipo de coisa para seu analista. Ela lhe respondeu VERTEMENT que dispensava seu conselho, o que fez, curiosamente, que o grande chefe em questão mudasse de opinião.

Mas o essencial estava lá, o mesmo problema com o qual eu mesmo me debati tanto em várias escolas. Ninguém fala do íntimo, esquecendo que Freud fundou a Psicanálise com isso. No coração do íntimo, a cena primitiva se revela como o mais íntimo do sujeito. Quando ela se desvela, o sujeito encontra acesso a seu próprio fundamento. Uma certa vergonha parece ENTACHER ainda o conteúdo da análise. Ora, a vergonha é esse sentimento matinal de culpabilidade que oblitera a vida dos sujeitos. Se é preciso então “reservar ao analista” um certo tipo de domínios, será que isso não testemunha que a vergonha se deslocou PAR LA BONDE embaixo do divã? A invocação aqui possível, da discrição, não oferece ainda RECEL aos VALETS da inibição, a serviço do sintoma, aos NERVIS da angústia?

E se esse íntimo não estiver disponível, sobre o que basear a teoria? A Psicanálise, uma teoria do íntimo? Porque não? E no entanto, será que se deve basear essa teoria unicamente sobre a teoria já estabelecida, ou seja, sobre o íntimo dos outros, a dita “clínica” sem se levar em conta o quanto essa fórmula é contraditória: o íntimo dos outros.

A meu ver, Freud inventou a Psicanálise, não em 1895, com os Estudos sobre Histeria, mas em 1900, com a Interpretação dos sonhos. É nessa obra que ele se expõe a si mesmo, explorando seu próprio acesso ao inconsciente. É onde ele situa o postulado do método analítico: confiar ao sonhador o CUIDADO de interpretar seus próprios sonhos. Não é um exercício de interpretação dos sonhos dos outros, nem de qualquer material fornecido pelos outros. É, antes de tudo, o sujeito que toma a palavra a respeito de si mesmo.

Ainda hoje me espanta que esse aspecto da descoberta freudiana tenha permanecido quase letra morta. Eventualmente, se diz que é o que se passa na análise e que é reservado ao analista, se eximindo assim de qualquer elaboração teórica que poderia se desdobrar daí se fosse possível falar publicamente. Isso porque todo analista pode bem dizer – e Lacan não se privou disso: tudo isso que digo a vocês é baseado na minha clínica; certamente, mas dizendo isso, o que se pede é um ato de fé.

Cada um se auto-legitima sem dar aos outros os elementos necessários à brilhante elaboração que tanto fascina as multidões.

O que diríamos de um químico ou um físico que não tenha jamais colocado os pés em um laboratório? Com certeza, é possível aprender as ciências nos livros, mas quando se procede assim, se permanece no quadro de uma religião: se acredita no que se lê no Livro, prontos para fazermos exegeses, infinitamente.

A ciência começa quando, sem desconsiderar o que os predecessores escreveram, se prefere colocá-los em questão, não apenas no campo literário, mas sobretudo no laboratório. O laboratório da psicanálise é o divã, ou, mais exatamente, e para não nos apegarmos à metáfora do utensílio mobiliário, fazendo referência a um instrumento que não é essencial, é a palavra, não escrita.

E digo mais: a palavra analítica elaborada pelas associações livres, dirigidas, alguém que escute em posição de atenção flutuante. Não o comentário infinito dos *Escritos* de Lacan ou das *Obras Completas* de Freud. Esse laboratório lá, a palavra assim definida, é isso que pode nos permitir validar, invalidar ou inovar, em uma DEMARCHE que nos afasta radicalmente da crença.

Na sua *Interpretação dos sonhos*, Freud analisa seus sonhos um por um, servindo-se de cada um para uma demonstração precisa. Minha experiência me leva, percebendo que a análise de um único sonho não é suficiente para compreender seu sentido, e que um único sonho, mesmo muito importante, não poderá resumir todo o sentido de uma análise. No laboratório de análise, sempre fiel ao método de Freud, percebi que cada sonho é uma peça de um quebra-cabeça. Nas *Cinco Psicanálises*, Freud procede um pouco assim, servindo-se de certos sonhos como degraus de uma escada geral das sessões, aqueles que trazem não somente o material associativo necessário, a interpretação, mas também outros materiais da vida do analisante. No entanto, o relato do Homem dos Lobos gira em torno de um único sonho fundamental, representando isso a que vamos nos dedicar, aqui, a cena primitiva. No meu caso, ela só se descobrirá pouco a pouco, no curso da interpretação de toda uma sucessão de sonhos, dando razão ao pai da Psicanálise na sua evolução final: a boa interpretação importante muito menos que o próprio processo que, trazendo novo material, engendra essencialmente o sujeito.

Então, onde está o dito “passe” que se supõe fornecer os ensinamentos sobre o final da análise? Seriam reservados apenas a alguns “happy few”, uns poucos, que não alargarão quase nada o círculo do íntimo? E onde está a intimidade que poderia SE FRAYER um caminho em um procedimento que tão frequentemente tomou o sentido de um “exame de aprovação” para o postulante a psicanalista?

Analisando-se a si mesmo publicamente, Freud se permitiu uma reserva: não entrar na esfera sexual. Com certeza, ele procurava se proteger deixando uma zona de intimidade. Reflexo bem natural que compreendemos, mas um pouco lamentável quando se conhece a base sexual de sua teoria. A sexualidade é entendida no sentido amplo da libido, ou seja, no conflito entre libido do eu e libido do objeto, e finalmente entre as duas libidos como pulsão de vida e pulsão de morte nas quais Lacan reconhecerá o simbólico enquanto mudo. Esses dois conflitos se articulam um a outro, criando contradições que precisam recorrer ao inconsciente.

Escondemos e nos escondemos, a nós próprios, disso que nos envergonha e nos culpabiliza, porque dizendo isso, indicamos a insatisfação da libido do eu que, por haver cedido à pulsão sexual, não se acha mais tão bom, amável e verdadeiro como teria desejado.

Escondemos e nos escondemos, a nós próprios, os esforços da pulsão de morte por simbolizar os acontecimentos e os objetos não-simbolizáveis ou dificilmente simbolizáveis. Essa dificuldade da simbolização provém da pulsão de vida, que não admite, via libido do eu, sempre ela, os atos de violência engendrados pela pulsão de morte. Simbolizar consiste a se fazer uma representação disso que se passa no mundo exterior, incluindo o corpo. Uma representação se distingue então da percepção nisso que ela permite guardar, no interior, na memória, enquanto que as percepções testemunham isso que permanece no exterior. A percepção só abre acesso a uma representação se o

eu aceita essa última em seu interior, o que faz voltar a admitir que essa representação faça parte do eu. Assim, sob o modelo do comer, é preciso mastigar o objeto a fim de destruí-lo como tal para só guardar uma figura em duas dimensões: uma letra, sob forma de sua figura FIGÈ ou de uma imagem. Isso acaba lhe retirando sua terceira dimensão, característica da realidade: aí está, isso que torna digerível a Coisa da realidade exterior.

Aí está uma contradição essencial: para guardar na memória as coisas e os acontecimentos da realidade, o sujeito deve matá-las como tal para só aceitar o reflexo sob forma de representação. Ora, nessas representações que o eu admitiu nele, já são encontrados os ideais dos quais ele não se admite assassino.

Esses ideais foram inculcados de maneira um pouco forçada pelos pais: para manter o amor deles, é preciso passar pelo respeito aos limites que eles impõem. É lá que a sexualidade, a libido sexual, se articula com mais ou menos felicidade e de contradições, com a pulsão de morte e a libido do eu. Assim é o Édipo: para ter acesso a mamãe, devo matar papai e meus irmãos.

Mas isso não se faz, diz mamãe, senão não te amo mais. Ou ainda mais radical: senão eu lhe corto o pinto, ou ainda melhor na exposição da estrutura: senão você vai ver, teu pai, quando ele chegar! Tudo isso se complica no Édipo invertido: amo também papai, que eu queria matar para ter mamãe para mim, só para mim, e para ter papai para mim só para mim, é preciso matar mamãe e meus irmãos e irmãs. Daí a necessidade incontornável da clivagem entre o sujeito (assassino) e o eu (anjo de bondade).

A dificuldade de tudo isso parece residir no momento de origem dessa clivagem. E no entanto a origem coloca problemas desde sua origem: indiquei antes que os ideais que comandam a triagem das representações que podem acceder a um estatuto no eu já tinham sido incluídas antes nesse último.

Quando então se pode produzir a primeira triagem, ou seja, a primeira construção de uma separação entre o eu e o mundo exterior? Entre o sujeito e o eu? Essa é a problemática da cena primitiva.

Não tenho a impressão de que muitas coisas que tenham sido ditas sobre a cena primitiva depois de Freud e sua análise do Homem dos Lobos.

Teoricament sim, rios de tinta escorreram. Mas sem ÉTAYAGEchegar até a prática, não vejo bem o que poderiam estabelecer. O próprio Lacan criticou essa obra, publicada nos anos 70, *O VERBIER do Homem dos Lobos*, onde os autores pesquisam a memória lingüística desse último, extraíndo etimologias de significações que só valem para o lingüista, e ainda: o homem dos lobos como sujeito falante não teria evidentemente encontrado os autores. Esses últimos tinham esquecido que a psicanálise promove a palavra do sujeito, mesmo que seja interessante exumar um certo sabe DE TOUT UN PAN do vocabulário e da cultura.

Outros autores tentatam esse mesmo estilo de exercício com o presidente Schreber. A explicação do “milagre do grito”, ao qual apela o infeliz president da corte de justice de Dresden em sua autobiografia, pela simples decodificação de seu nome Schrei Beer, o urso que grita, é certamente intelectualmente instigante, mas psicanaliticamente por fora de tudo. Quem me impediria, a mim, agora que ele está morto, de dizer que seu milagre de grito só era uma tentativa dolorosa de simplesmente de fazer ouvir?

Minha clínica me deu oportunidade de reencontrar uma analisante que tinha também começado seu delírio por um grito desse tipo, que nada em seu patronímico pudesse explicar. E nem falo de todos os dito-autistas que já acompanhei que só tinham isso, o grito, como forma de expressão.

Mais recentemente, Jean Allouch cometeu uma tentativa desse tipo com *Marguerite*, ou *A Aimée de Lacan*. A mesma observação se impõe: esse trabalho de pesquisador, de historiador, de sociólogo, a procura do passado da paciente de Lacan sobre três ou quatro gerações não poderia se apresentar como trabalho de psicanalista.

Ela não fala ali, Aimée: se faz falar os arquivos em seu lugar. Embora a encenação desse primitivo se mostra sedutor, não acredito que se possa conceder-lhe esse título de cena primitiva que, a meu ver, só vale para isso que o sujeito em questão possa dizer disso que está inscrito no mais profundo dele mesmo, LIVRANT seu acontecimento o estatuto do sujeito.

Ora, o sujeito, é aquele que fala.

Vou então falar, mesmo sendo pela via do escrito. Porque isso que elaborei, pensei com a idéia de me dirigir a um público, que coloquei também no lugar do Grande Outro conceitualizado por Lacan.

Freud procedeu assim também nesse trecho de sua análise pessoal que ele nos descreve em sua “Traumdeutung”. Voz da escrita, expressão paradoxal porque a segunda se define pela ausência da primeira. Sem dúvida se pode ler – e escutar – a função capital do *endereçamento*, a um outro, primando sobre o “medium”, a mídia, voz ou escrita. Nunca considerei o fim da minha análise com o fim da análise.

Muito pelo contrário, ela me permitiu continuar sem a necessidade desse outro bem preciso que se chama um analista. Desembaraçado dessa vergonha que tinha evocado mais acima, posso dirigir minha palavra, a qualquer pessoa. Esse último, pouco importa que ele escute ou não, o que interessa é que

naquele momento, eu possa me escutar. Se, além disso, ele escuta, melhor ainda. Não espero menos de você, leitor.

Essa é a contribuição que posso trazer, o conhecimento do público sobre isso que se chama “o passe” para Lacan, passe, através do fantasma, especialmente o fantasma da origem; passe, testemunha dessa idealização do outro para quem posso admitir, esse outro, tal como ele é, (eventualmente surdo) e não tal como desejo que ele seja (sempre escutando).